

UMA PROPOSTA PARA REFLETIR SOBRE O TEMPO NO CIBERJORNALISMO

A proposal to reflect on time at cyberjournalism

Una propuesta para reflexionar sobre el tiempo en el ciberperiodismo

Claudia Irene de Quadros

Professora do Programa de Mestrado em Comunicação e do curso de Relações Públicas da UFPR. É jornalista e relações públicas formada pela UFPR. Pós-Doutora em Comunicação pela Universidade Pompeu Fabra, Barcelona. Doutora em Comunicação pela Universidade La Laguna. Docente no curso Comunicação Social – Relações Públicas da UFPR.
E-mail: clauquadros@gmail.com

Flavio Ernani da Costa

Mestrando do Programa Estudos de Linguagens pelo CEFET-MG. É formado em jornalismo pela UFOP, onde foi orientando pela professora Claudia Quadros.

E-mail: flavio-ernani@hotmail.com

Resumo

A instantaneidade, uma das principais características da comunicação digital, continua desafiando o fazer jornalístico há quase vinte anos, após o boom do jornalismo digital, em 1995. Neste artigo buscamos compreender como essa característica pode ser observada, propondo um instrumento específico de análise inspirado no *Manual de Ferramentas para Análise de Qualidade no Ciberjornalismo*, organizado por Marcos Palacios (2011). Além da descrição da ficha de análise, refletimos sobre o tempo na produção jornalística a partir de discussões teóricas sobre o tema.

Palavras-chave: Instantaneidade. Ciberjornalismo. Qualidade. Tempo

Abstract

Instantaneity, one of the major features of digital communication, is still a challenge to journalism even after twenty years after its boom in 1995. In this article, we seek to understand how this feature can be observed by proposing a specific analytic tool inspired by the *Manual of Tools for Quality Analysis in Cyberjournalism*, organized by Marcos Palacios (2011). Besides the description of the analysis form, we also intend to reflect on time in journalistic production through theoretical discussions about the topic.

Keywords: Instantaneity. Cyberjournalism. Quality. Time

Resumen

La inmediatez, una de las principales características de la comunicación digital, sigue desafiando el hacer periodístico hace 20 años, tras el auge del periodismo digital en 1995. En este artículo buscamos comprender cómo esta característica puede ser observada, y proponemos un instrumento específico de análisis inspirado en el *Manual para Análisis de Calidad en el Ciberperiodismo*, organizado por Marcos Palacios (2011). Además de la descripción de las carpetas de análisis, reflexionamos sobre el tiempo en la producción periodística a partir de discusiones teóricas sobre el tema.

Palabras-clave: Inmediatez. Ciberperiodismo. Calidad. Tiempo.

I. A notícia a seu tempo: consumo e mercadoria

O tempo no jornalismo já foi objeto de reflexão por muitos pesquisadores do campo da comunicação, como Sylvia Moretzsohn (2002) e Carlos Eduardo Franciscato (2009). Ambos discorrem sobre a influência do tempo no processo de produção jornalística com diferentes olhares. A primeira observa o tempo como fetiche no jornalismo e o segundo apresenta o desenvolvimento tecnológico como um fator que acelerou a produção da notícia no jornalismo. Neste artigo, tentamos observar o jornalista como construtor de seu tempo, considerando as rotinas e principalmente a produção no ciberjornalismo. Para ir além das reflexões que colocam o jornalismo como uma vítima enlouquecida pelos segundos que escorrem como areia de suas mãos no trabalho diário, tentamos apresentar uma proposta de análise para conferir os resultados da produção jornalística na internet. Os dados, coletados de forma sistematizada por meio de uma ficha de análise, são cruzados com pesquisas anteriores sobre o jornalismo. Para tanto, selecionamos o portal de notícias G1, criado 18 de setembro de 2006 pelas Organizações Globo. Os procedimentos metodológicos serão detalhados mais adiante. É importante ressaltar que parte dos resultados apresentados aqui são fruto de uma pesquisa de TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) desenvolvida na Universidade Federal de Ouro Preto, integrada pelos autores deste artigo como orientando e orientadora. Os primeiros resultados desta pesquisa foram divulgados no Intercom Sudeste, realizado em maio de 2014 na Universidade Vila Velha, Espírito Santo.

No percurso da reflexão sobre o tempo no jornalismo, voltamos a debater o pensamento provocativo de Moretzsohn. Ao analisar a velocidade das notícias, ela afirma a importância de se perceber como os jornalistas incorporam “valores hegemônicos”. Para ela, “a busca da informação instantânea ajuda a mantê-los, pela falta de questionamento” (MORETZSOHN, 2002, p. 167). Ainda destaca a associação que é feita entre o fazer jornalístico e o modo de se fazer jornalismo, apontando um paradoxo nesta discussão. A pesquisadora completa que “um jornal se faz de pensamento, é a história de seu tempo, mas os jornalistas não têm tempo para pensar” (ibidem). Moretzsohn contribui

para as discussões sobre tempo e instantaneidade da notícia, porém devemos considerar questões atuais que ultrapassam o que é complexificado pela autora. Questionamos: como a instantaneidade, enquanto uma das principais características do jornalismo digital, vem transformando o jornalismo contemporâneo? Partimos da hipótese de que os fragmentos de notícia surgidos pelo uso da instantaneidade têm gerado uma memória incompleta sobre o fato. Pretendemos neste artigo discutir uma das características do jornalismo digital – a instantaneidade –, e apresentar uma ferramenta para análise da instantaneidade no ciberjornalismo.

O jornalismo ganha agilidade com o desenvolvimento tecnológico. Ciro Marcondes Filho (2002, p.16) recorda que o jornalismo herdou características da Revolução Francesa, pois o seu surgimento foi marcado pelo esclarecimento, uma imprensa nascia no seio do Iluminismo “tanto no sentido de exposição do obscurantismo à luz quanto de esclarecimento político e ideológico”. Nas cinco fases do desenvolvimento da imprensa é possível observar que o avanço tecnológico provocou muitas mudanças no jornalismo. Na primeira fase (de 1609 a 1789), denominada de *pré-história*, a imprensa era artesanal e o jornal, semelhante ao livro, com poucas páginas. Os principais valores-notícia eram a proximidade e a espetacularização de acontecimentos como morte e desastres. Não havia associação para a produção dos jornais, “a empresa era como o correio e o homem que fazia o jornal, seu carteiro”. Tais características da imprensa nessa fase são próprias ao período que antecedeu a era moderna e, certamente, um dos marcos para imprensa foi a invenção da prensa de Gutenberg por volta de 1450.

Na segunda fase, a do *primeiro jornalismo* (de 1789 a 1830), o jornalismo era político-literário e neste período inicia-se o processo de profissionalização da atividade. Na terceira, a do *segundo jornalismo* (de 1830 a 1900), a imprensa era voltada para as massas e o valor-notícia pautava-se pelo “furo”. Na quarta, a do *terceiro jornalismo* (de 1900 a 1960), a imprensa era monopolista. Na quinta fase, a do *quarto jornalismo* (de 1970 até hoje), a informação torna-se eletrônica e interativa e um dos principais valores jornalísticos é a velocidade. Briggs e Burke (2006) observam que a revolução da comunicação é um processo contínuo. Ao contrário da revolução industrial, que marcou um período destacado pelo maior número de substituição de operários pelas máquinas no

século XVIII, a revolução da comunicação não tem fim. Na primeira década do século XXI, percebemos transformações que provocaram mudanças no jornalismo e que exigiram novos perfis profissionais. Em tempo de convergência, segundo Stephen Quinn (2005), as empresas de comunicação precisam elaborar o conteúdo para atender a demanda.

Os jornalistas enfrentam todos os dias a abundância de acontecimentos e a escassez de tempo. O sociólogo Norbert Elias (1998) afirma que “o que chamamos de ‘tempo’ nada mais é do que o elemento comum a essa diversidade de processos específicos (...)” (ELIAS, 1998, p.84). Assim, poderíamos estabelecer padrões sociais para diferenciar o que é lento de um processo rápido. Mas, como poderíamos atribuir o conceito de temporalidade ao ciberjornalismo, uma vez que o ambiente digital oferece inúmeras possibilidades de rompimento do tempo convencional socialmente? Carlos Eduardo Franciscato (2009) alerta para o fato de que as características próprias à prática jornalística moldam a noção de tempo no jornalismo.

Para Nelson Traquina (2005, p.181), “os jornalistas vivem sob a tirania do fator tempo”. O pesquisador português defende a teoria interacionista, pois acredita que “a notícia também constrói o acontecimento, porque é um produto elaborado que não pode deixar de refletir diversos aspectos do processo de produção” (ibidem, p. 88). Ainda nessa perspectiva, encontramos em Karl Marx (1982, p.154) a argumentação de que “uma mercadoria tem um valor por ser uma cristalização de um trabalho social”. Partimos, então, da premissa de que o trabalho jornalístico tem relevância social e diante do produto – notícia –, esta atividade também assume o lugar de mercadoria. A notícia é originária da labuta diária dos jornalistas, em busca de acontecimentos que façam sentido no cotidiano dos leitores. As exigências feitas aos jornalistas não são exclusivas desta classe de profissionais. À época do início dos estudos em Administração Científica, Frederick Taylor (1990) já formulava hipóteses para melhorar o desempenho dos operários e obter uma produção maior com nível excelente em qualidade. Ele afirmava que:

A indolência sistemática mais séria, contudo, é a praticada pelos operários com o propósito deliberado de deixar o patrão na ignorância de como pode o trabalho ser feito mais depressa. É

tão generalizado o hábito de fazer cera com tal finalidade que, dificilmente, um trabalhador competente em uma grande empresa, pago por dia, por tarefa, mediante contrato ou qualquer outro sistema, não dedique grande parte de seu tempo a estudar maneira de fazer mais devagar o trabalho e convencer o patrão de que é bom o seu rendimento (TAYLOR, 1990, p.31).

Ainda segundo Taylor (1990, p.32), o tempo seria suficiente para a demanda de trabalho, entretanto, o trabalhador é o responsável pelo próprio ócio e pela falta de produtividade. A falta de comprometimento dos empregados para com o empregador é estruturada entre os próprios trabalhadores: “Os companheiros mais jovens, e menos experientes, são instruídos por seus colegas, que empregam toda persuasão e pressão social possível para dissuadir os homens ambiciosos e egoístas a alcançar novos recordes”. Com isso, fica evidente que, na esfera industrial, ao trabalhador sempre foi exigido velocidade na produção, o que não difere da rotina de um profissional de jornalismo. Marx (1982, p.159) conclui que “o que o operário vende não é diretamente o seu trabalho, mas a sua força de trabalho, cedendo temporariamente ao capitalista o direito de dispor dela”.

Logo, há absorção da cultura desse sistema onde o capital deve sempre ser priorizado, de forma a manter o fluxo econômico. No caso do jornalista, a disponibilização da força de trabalho é tanto no aspecto físico, quanto no intelectual, este último com mais intensidade. Afinal, a pressa é uma exigência do jornalismo contemporâneo e, ao mesmo tempo, impede que o jornalista reflita sobre o que escreve. O escritor Luis Fernando Veríssimo (1999) afirma que “vivemos num tempo maluco em que a informação é tão rápida que exige explicação instantânea e tão superficial que qualquer explicação serve” (VERÍSSIMO, 1999, p.7). O que importa é chegar à frente, ser instantâneo. A qualidade da informação não é o principal mas, sim, a quantidade de informações no menor tempo possível. Nesse sentido, o trabalho jornalístico, além de ser feito às pressas, também é executado de forma mecânica, onde as tecnologias da comunicação tornaram-se extensões do profissional de jornalismo e o tempo para refletir sobre o que será noticiado foi substituído pela possibilidade de atualizar as informações, quando estas estão incorretas.

I. Uma proposta para analisar a instantaneidade

Nesta etapa, procuramos estudar uma parte do processo de produção do jornalismo para compreender como a instantaneidade no ciberjornalismo tem contribuído nas transformações das notícias.

Em publicação organizada por Palacios (2011), há diversas fichas para analisar a qualidade no ciberjornalismo a partir das características do jornalismo digital, como: hipertextualidade, interatividade, multimidialidade e memória. Porém, no manual citado não há uma ferramenta específica para análise de instantaneidade em ciberjornalismo. Ao considerar que a velocidade na produção da notícia tem transformado o fazer jornalístico é, portanto, de suma importância saber “a) o que se mede quando se analisa qualidade; e b) com que régua se mede” (PALACIOS, 2011, p.3).

Ao propormos analisar a instantaneidade houve o confronto com o desconhecido no que tange a métodos para este tipo de análise. José Luiz Braga (2011) chama a nossa atenção para três aspectos metodológicos exigidos ao pesquisador. É necessário um processo de decisões: “Parte sendo conhecimento estabelecido (...); parte, prática incorporada (...); e parte invenção” (BRAGA 2011, p. 9). Foi, então, preciso que nos atentássemos ao terceiro aspecto, no campo da invenção – a criação. Com base nas fichas criadas por diversos pesquisadores e organizadas por Palacios (2011), apresentamos uma ferramenta para auxiliar na análise da instantaneidade em ciberjornalismo. É importante ressaltar que o primeiro instrumento foi desenvolvido por um grupo de alunos durante uma aula de Webjornalismo no primeiro semestre de 2013. A ficha foi revista para o desenvolvimento de Trabalho de Conclusão de Curso sobre instantaneidade. Na Quadro I demonstramos a Ferramenta aplicada a uma notícia coletada no portal GI, no dia 5 de novembro de 2013.

Quadro I - Ferramenta para Análise de Instantaneidade em Ciberjornalismo		
Cibermeio: GI		
Grupo: Central Globo de Jornalismo		
URL: http://www.g1.globo.com		
Data/período de observação: 05 nov. 2013		
Horário de arquivamento da notícia: 10h		
Chamada: Conta pelo uso de usinas termelétricas já atinge R\$ 8,6 bi		
Título: Conta pelo uso de usinas termelétricas já atinge R\$ 8,6 bi		
Avaliador: Flávio Ernani da Costa		
1. Atualização constante na home page?	Sim	Não
	X	
2. Categoria “últimas notícias”?	Sim	Não
	X	
2.1 Localização da categoria "últimas notícias"?	Marque X	
centro- superior		
centro inferior		
esquerda superior		
esquerda inferior	X	
direita superior		
direita inferior		
Superior		
Inferior		
não se existe esta categoria		

2.2 Origem das notícias em destaque na <i>home page</i> :	Marque X	
Próprio site?	X	
Agência de notícia do mesmo grupo?		
Fontes externas?		
3. Na notícia há informação sobre horário de publicação?	Sim	Não
	X	
4. Na notícia há informação sobre horário de atualização (se houver)?	Sim	Não
	X	
5. Utilização de hipertextos?	Sim	Não
	X	
6. Utilização do recurso memória, através de links como “saiba mais” ou em um espaço específico no corpo da notícia?	Sim	Não
	X	
7. Caso a resposta à pergunta anterior for afirmativa, quantos links foram utilizados para recorrer à memória? Caso a resposta for negativa, ir para a questão 9.	Marque X	
1		
2		
3		
4	X	
5		
acima de 5		
8. Memória utilizada foi publicada entre:		
8.1. Memória 1	Marque X	
0 hora (mesmo horário de publicação da notícia)		
1 dia (mesmo dia da publicação da notícia)		
2 a 3 dias		
4 a 6 dias		
7 a 10 dias		
10 a 29 dias		
a partir de 30 dias	X	

8.2. Memória 2	Marque X
0 hora (mesmo horário de publicação da notícia)	
1 dia (mesmo dia da publicação da notícia)	
2 a 3 dias	
4 a 6 dias	
7 a 10 dias	
10 a 29 dias	
a partir de 30 dias	X
8.3. Memória 3	Marque X
0 hora (mesmo horário de publicação da notícia)	
1 dia (mesmo dia da publicação da notícia)	
2 a 3 dias	
4 a 6 dias	
7 a 10 dias	
10 a 29 dias	
a partir de 30 dias	X
8.4. Memória 4	Marque X
0 hora (mesmo horário de publicação da notícia)	
1 dia (mesmo dia da publicação da notícia)	
2 a 3 dias	
4 a 6 dias	
7 a 10 dias	
10 a 29 dias	
a partir de 30 dias	X
8.5. Memória 5	Marque X
0 hora (mesmo horário de publicação da notícia)	
1 dia (mesmo dia da publicação da notícia)	
2 a 3 dias	
4 a 6 dias	
7 a 10 dias	
10 a 29 dias	
a partir de 30 dias	
8.6 Memória 6 ou valor maior que 6, especificar:	

9. Uso de áudio na notícia principal?	Sim	Não
		X
10. Uso de foto na notícia principal?	Sim	Não
		X
11. Uso de vídeo na notícia principal?	Sim	Não
		X
12. Uso de infografia na notícia principal?	Sim	Não
	X	
13. Caso a resposta seja afirmativa para as questões 9, 10, 11 e/ou 12, o mesmo recurso apareceu na memória da notícia?	Sim	Não
		X
14. Caso a resposta seja afirmativa para as questões 9, 10, 11 e/ou 12, o mesmo recurso apareceu na memória da notícia?	Sim	Não
		X

Fonte: autoria própria.

2. Passo a passo da coleta: o caso do G1

Constituímos um *corpus* empírico, a partir de materiais coletados no portal G1, e o observamos por meio da análise de conteúdo de Bardin (2011) e da ferramenta que criamos. O critério para constituirmos uma amostragem representativa foi inspirado pela proposta de uma seleção regular, gerando uma “semana artificial” (BAUER, 2008, p. 196). Assim, na coleta de amostras observamos o horário em que a internet é mais acessada. Segundo relatório do Instituto Verificador de Circulação (IVC, 2012)¹, durante os dias de semana e fins de semana, os horários de acesso a websites variam de acordo com os dispositivos utilizados (PCs, *smartphones* e tablets). Dessa forma, consideramos que a amostragem deveria ser feita todos os dias, durante uma semana, de hora em hora. Os dias e horários de coleta estabelecidos foram

1 “Os PCs concentram maior utilização no horário comercial. Os *smartphones* são usados de forma uniforme ao longo do dia e da noite, com picos nos horários de maior mobilidade: 8h, 13h e 19h. Já os *tablets* são utilizados de maneira uniforme no horário comercial, mas com intensificação durante a noite e no horário do rush matinal (8h). Nos fins de semana, os três dispositivos apresentam usos semelhantes: o dia começa mais tarde, termina mais cedo e todos possuem *prime time* às 20h” (Relatório IVC, 2012).

entre as 10h de terça-feira (5 de novembro de 2013) e as 10h de segunda-feira (11 de novembro de 2013). O *prime time* nos fins de semana é às 20h, segundo o IVC (2012), porém, se o último registro do fim de semana fosse feito às 20h a proposta de um “dia artificial” teria horários fragmentados e não seria possível acompanhar se houve atualização referente a esse horário de maior concentração. Assim, também estabelecemos que o horário final fosse às 22h. Com base no relatório e considerando a utilização de forma geral dos dispositivos no acesso a conteúdos digitais, constatamos que o horário em que os usuários mais acessam a internet é entre 8h e 20h.

Partimos de pesquisas já apresentadas sobre a leitura do usuário na Web para analisar o conteúdo. Segundo o estudo *EyeTrack07* (2009), a direção dos leitores nas páginas começa no lado esquerdo superior da página inicial. O pesquisador Jakob Nielsen (2006) argumenta que o padrão de leitura dos usuários na *home page* é estabelecido em um movimento horizontal iniciado na parte superior esquerda, em direção ao lado direito da página. Só então o usuário realiza o movimento vertical de leitura.

Em alguns casos, os usuários irão ler através de uma terceira parte do conteúdo, tornando o padrão mais parecido com um E ao invés de F. Em outras ocasiões, a leitura será uma única vez, fazendo com que o padrão torne-se parecido com um L invertido (com a barra no topo). Entretanto, em geral os padrões de leitura assemelham-se a um F, embora haja variação na distância entre a barra superior e inferior (NIELSEN, 2006).

Com base no padrão F de leitura, realizamos a coleta das notícias localizadas na *home page* do portal G1. O total de notícias coletadas no G1, usando o método de leitura em formato de F na *home page*, foi de 65 notícias, obedecendo ao critério de notícias principais. Categorizamos por editoriais, por meio da distinção feita pelo próprio portal e aplicamos a Ferramenta para Análise de Instantaneidade em Ciberjornalismo, como descrito no Quadro 1.

3. Resultados

Analisando de maneira sistematizada o conteúdo, no que se refere à atualização das notícias no G1, após a uti-

lização da ficha em todas as notícias coletadas, foi possível separar as variações de tempo em quatro intervalos de 15 minutos, até 60 minutos, e as atualizações com tempo superior a 60 minutos. O Gráfico 1 demonstra o percentual da frequência do tempo das atualizações. O Gráfico 2 mostra a frequência das editorias na página principal do G1.

Gráfico 1: Frequência do tempo de atualização em minutos das notícias no G1



Fonte: autoria própria

Gráfico 2: Frequência das editorias na página principal do G1



Fonte: autoria própria

É possível perceber no Gráfico 1 que a maioria das notícias é atualizada nos primeiros 15 minutos. Com valor bastante expressivo, as notícias com atualização superior a 60 minutos também são frequentes. A correção é um dos atributos,

que consta nos princípios editoriais das Organizações Globo, conforme disponível no site do G1:

e) A revisão não é uma forma de controle ou censura. É parte integrante e fundamental do processo jornalístico, e sua principal função é evitar erros. Se o processo jornalístico prescindiu da figura clássica do revisor, foi apenas porque todos os envolvidos numa reportagem se tornaram revisores. Nesse sentido, nenhuma reportagem deve ser publicada apenas com o exame do autor: é indispensável que outros envolvidos no processo participem desse exame (Princípios editoriais da Organizações Globo, 2011).²

Ao confrontarmos os dados demonstrados no Gráfico 1 com o atributo citado, questionamos: a revisão das matérias publicadas tem sido suficiente para sanar os erros? O papel do revisor é realmente dispensável? A frequência nas atualizações nos primeiros 15 minutos traz-nos à compreensão de que o jornalismo digital é rápido, mas também tem sido feito às pressas. Ricardo Noblat (2010) chama a nossa atenção justamente para o fato de que não há necessidade em se fazer um jornalismo ainda mais instantâneo. Constatamos que muitas notícias são atualizadas no mesmo horário da publicação, como pode ser observado na Figura 1.

Figura 1 - G1 – Mesmo horário de publicação e atualização

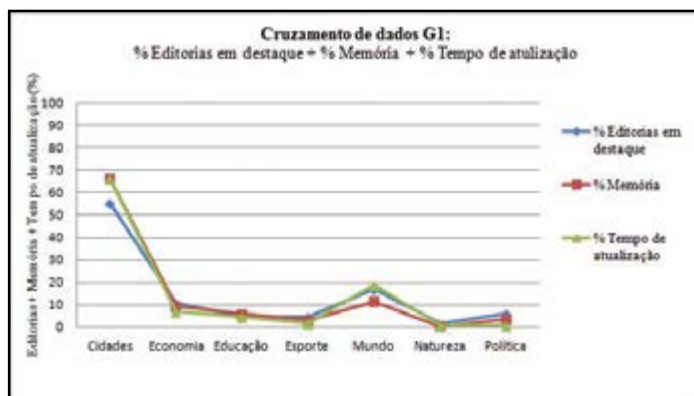


Fonte: g1.globo.com

² Todos os atributos da informação de qualidade, constam nos princípios das Organizações Globo. Disponível em: <<http://g1.globo.com/principios-editoriais-das-organizacoes-globo.html#correcao>>. Acesso em: 03 dez. 2013.

O cruzamento das informações sobre o percentual de editoriais, memória e tempo de atualização no GI (Gráfico 3), possibilitou entendermos que as editoriais em destaque (Cidades e Mundo) são as que têm a maior variação no tempo de atualização das notícias. Além disso, o uso da memória jornalística como complementação à notícia instantânea é mais utilizado nessas editoriais.

Gráfico 3 - Cruzamento de dados GI



Fonte: gi.globo.com

Algumas considerações

Após essa breve análise do portal GI, consideramos, por fim, que nossa pretensão não se resume a definir uma única metodologia para analisar a instantaneidade em jornalismo digital, visto que é necessário o entrelaçamento de diferentes metodologias como, por exemplo, a análise de conteúdo. Ainda é possível, por meio da ferramenta proposta, a análise de diferentes portais, convergindo em um estudo de caso. Nosso intuito não é limitar o corpus de análise das notícias, mas aplicar a ferramenta a diferentes meios e, assim como Marcos Palacios (2011) incentiva-nos a testar, modificar ou até mesmo descartar as fichas contidas no manual *Ferramentas para análise de qualidade em cibermeios* (2011), também incentivamos adaptações e modificações da ferramenta proposta,

considerando as especificidades do objeto a ser analisado.

Nesta pesquisa, constatamos que o que importa em ciberjornalismo é chegar à frente, a velocidade é a própria informação, substituindo o valor-notícia pelo valor da notícia. Propomos inicialmente responder a um questionamento sobre a qualidade do jornalismo digital, considerando para isto a instantaneidade. Ao final, compreendemos que o jornalismo digital é rápido, mas também tem sido feito às pressas. E consideramos que não há necessidade em se fazer um jornalismo ainda mais instantâneo. A história construída no ciberjornalismo é inconstante e frequentemente atualizada. Se por um lado, à velocidade é intrínseco o caráter de uma notícia rápida e, por vezes, precisa; por outro, a exatidão e a qualidade da informação são comprometidas pela instantaneidade da notícia no ciberjornalismo.

Ressaltamos ainda a pertinência de futuras discussões que contemplem a relação entre o processo de apuração e a utilização da memória, questionando: em que medida os jornalistas recorrem à memória como estratégia complementar à notícia instantânea? E como a memória qualifica a instantaneidade? Assim, consideramos que a checagem de informações estaria comprometida pela possibilidade de uso da memória jornalística.

Referências

- BARDIN, L. (2011). *Análise de conteúdo*. São Paulo: Editora Almedina Brasil,.
- BAUER, M. W. (2008). *Análise de conteúdo clássica: uma revisão*. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (ed.). *Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som. Um manual prático*. Petrópolis: Editoria Vozes,.
- BRAGA, J. L. (2011). *A prática da pesquisa em Comunicação: abordagem metodológica como tomada de decisões*. *Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação – E-Compós*, Brasília, v14, n1, jan.-abr. Disponível em: <<http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/665/503>>. Acesso em: 26 nov. 2013.

BRIGGS, A. ; BURKE, P. (2006). Uma história social da mídia. De Gutenberg à Internet. 2. ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro: Editora Zahar.

ELIAS, N. (1998). Sobre o tempo. Rio de Janeiro: Editora Zahar.

INSTITUTO VERIFICADOR DE CIRCULAÇÃO – IVC (2012). Estudo sobre audiência de websites. Disponível em: <http://www.ivcbrasil.org.br/conteudos/pesquisas_estudos/AudienciaWeb2012.pdf>. Acesso em: 31 out. 2013.

MARCONDES FILHO, C. (2002). Comunicação e jornalismo. A saga dos cães perdidos. 2 ed. São Paulo: Hacker Editores.

MORETZSOHN, S. (2002). Jornalismo em tempo real: O fetiche da velocidade. Rio de Janeiro: Editora Revan.

NIELSEN, J. (2006). F-Shaped Pattern For Reading Web Content. NN/g – Nielsen Norman Group. Disponível em: <<http://www.nngroup.com/articles/f-shaped-pattern-reading-web-content/>>. Acesso em: 28 nov. 2013.

NOBLAT, R. (2010). A arte de fazer um jornal diário: Sobre a arte de apurar (pp.33 – 75). Terceiro capítulo. São Paulo: Editora Contexto.

PALACIOS, M. (org.) (2011) Ferramentas para análise de qualidade no ciberjornalismo. Covilhã: LabCom Books.

PALACIOS, M. ; DIÁZ NOCI, J. (Eds.) (2009). Online journalism: research methods. A multidisciplinary approach in comparative perspective. Bilbao: Servicio Editorial de La Universidad del País Vasco. Disponível em: <<http://grupojo1.wordpress.com/2009/04/24/palacios-e-diaz-noci-2009/>>. Acesso em: 28 nov. 2013.

QUINN, S. (2005). What is convergence and how will it affect my life?. In: QUINN, Stephen; FILAK, Vincent F. (orgs.) Convergent journalism na introduction. Burlington: Elsevier, p. 3-20.

TAYLOR, F. W. (1995). Princípios de administração científica. São Paulo: Atlas,.

TRAQUINA, N. (2005). Teorias do jornalismo. Volume I: Porque as notícias são como são. 2ª ed. Florianópolis: Insular.

Sites:

GI – g1.com.br

VERISSIMO, Luis Fernando. Disponível em: <<http://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=199019990401>>. Acesso em: 01 jun. 2014.

Outras publicações da autora:

QUADROS, C. I. ; LARANGEIRA, A (2013). Da perspectiva de trabalho à realidade do futuro profissional do jornalismo. Razón y Palabra, v. 82, p. 1-16.

QUADROS, C. I. ; QUADROS JR, I. B. (2013) . Aspectos comunicacionais da Educação nas Mídias Sociais Digitais: o caso do Youtube. Ação Midiática - Estudos em Comunicação, Sociedade e Cultura, v. 3, p. 1-11.

QUADROS, C. I. ; Rasêra, Marcella ; Moschetta, Andressa (2013). Jornalismo para tecnologias móveis: o consumo entre jovens. In: Suzana Barbosa; Luciana Mielniczuk. (Org.). Jornalismo e Tecnologias Móveis. 1ed. Covilhã: Labcom - UBI, v. 1, p. 1-159.

QUADROS, C. I. ; QUADROS JR, I. B. (2011) Produtos jornalísticos como estratégias para atrair o público. Lumina (UFJF. Online), v. 5, p. 1-15.

QUADROS, C. I. ; QUADROS JR, I. B. ; Masip, Pere Masip (2010). Webjornalismo: da forma ao sentido. Os casos da Gazeta do Povo e La Vanguardia. Galáxia (São Paulo. Online), v. 1, p. 161-177.

